



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas: a política e a perspectiva documental na obra fotográfica contemporânea de Rosângela Rennó¹

Adriana Camargo Pereira²

Barbara Muniz Miranda³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO

O presente trabalho intenta elaborar uma reflexão sobre a fotografia como documento, tendo como base a análise de três dos doze trípticos da série intitulada *Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas* da artista intermídia Rosângela Rennó, que documentam a Passeata dos Cem Mil, ocorrida no Rio de Janeiro em 1968, o Comício das Diretas Já em Belo Horizonte no ano de 1984, e o Movimento Passe Livre em São Paulo, de 2013. Para isso, seguimos uma trilha de investigação caracterizada por uma teoria crítica e política acerca das imagens e da própria comunicação, especialmente, no tocante aos conceitos de *subjetivação política*, *paradoxo do espectador* e *desentendimento*, do autor Jacques Rancière. Oferecendo assim à análise, as dimensões temporais, espaciais, políticas e corpóreas, atravessando o sentido de sua representação meramente denotativa.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia documental; Rosangela Rennó; arte; política; fotografia contemporânea.

INTRODUÇÃO

A série "Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas"⁴, da artista intermídia Rosângela Rennó, é composta por doze trípticos que surgem da união de imagens capturadas por três fotógrafos distintos, em épocas e contextos também distintos e específicos. Neste trabalho, no seu conjunto, serão discutidos três desses trípticos.

José Inácio Parente contribuiu com doze fotografias que documentam a

¹ Trabalho apresentado no GT2 "Fotografia Contemporânea".

² Doutora em Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade pela UFBA, idealizadora e coordenadora do projeto Audiovisualidades Híbridas, in: <https://www.audiovisualidadeshibridas.com.br/>; <https://www.instagram.com/audiovisualidadeshibridas/> Contato: adriana.pereira@uesb.edu.br

³ Graduada em Ciências Sociais pela UESB, graduanda em Jornalismo na mesma instituição/ Contato: barbarammuniz.93@gmail.com

⁴ Mais informações sobre a obra em <https://docplayer.com.br/113516199-Vermelho-rosangela-renno.html>, p. 09-18.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Passeata dos Cem Mil, ocorrida no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1968. Esta manifestação popular expressou o descontentamento generalizado em relação às táticas repressivas empregadas pelas autoridades governamentais para silenciar aqueles que se opunham às políticas do regime ditatorial.

Rosângela Rennó, por sua vez, apresenta igualmente, outras doze imagens capturadas durante o Comício das Diretas Já em Belo Horizonte, em 24 de fevereiro de 1984. Aproximadamente quatrocentas mil pessoas, de grupos políticos distintos, se reuniram na Praça da Rodoviária e ocuparam a Avenida Afonso Pena até alcançarem a Praça Sete, em uma ação que tinha como objetivo principal reivindicar o direito de escolher o presidente diretamente por meio do voto popular.

Por fim, a Cia de Foto contribui com outras doze imagens, registradas durante o Movimento Passe Livre em São Paulo, nos dias 17 e 20 de junho de 2013. Essas manifestações inicialmente visavam diminuir ou zerar os custos de locomoção do transporte público da cidade de São Paulo, mas rapidamente se expandiram para outros territórios, somando grupos heterogêneos que reivindicaram pautas muito amplas como melhorias na educação, transporte e saúde.

Todas as fotografias da série foram copiadas em preto e branco (p&b) e fixadas em chapas de *medium density fiberboard* (mdf) como acabamento final e moldura. O catálogo que remonta a série nos fornece mais informações:

[...] cada foto é recoberta por uma folha de papel de seda com relevo seco — do gênero tradicional de entrefolhamento de álbuns de fotografia antigos — e associada a duas outras imagens, realizadas nos dois outros eventos envolvidos na série. Lentes de câmera e filtros deixarão entrever rostos na multidão (Rennó, 2020, p. 16).

A fotografia aqui será pensada a partir da perspectiva de alguns teóricos, entre eles Jacques Rancière, Gilles Deleuze e Henri Bergson como uma arte que alcança sua autonomia ao permitir a concepção da urgência acerca de novas maneiras de relacionar a política, a subjetivação e a estética. Estas formas de apreciação não requerem um conhecimento prévio por parte do espectador/observador e desafiam as hierarquias que anteriormente buscavam estabelecer lugares fixos e delimitados na



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



política e nas artes (Figura 1).

Figura 1: Operação A3-2 da série Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas



Fonte: Rennó, 2014a.

A IMPORTÂNCIA DA FORMA

Ao promovermos um zoom nessas imagens da série, percebemos com nitidez a textura do papel de seda que mostra suas *ranhuras*, as quais formam linhas, *caminhos* e *digitais* sobre a imagem fotográfica revelando traços “pessoais” e identitários. O papel de seda, nos antigos álbuns de retrato apresentava como utilidade não somente a separação, um intervalo de tempo e espaço entre as fotografias, mas também auxiliava na preservação e memória dos retratos. Diante disso, reportando essas observações à análise da série em destaque, nota-se que as



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



fotografias aparecem como um pano de fundo, turvo, onde podemos entre-ver o enquadramento, todavia a cena nos aparece de forma aparentemente ocultada, ainda velada e, as lentes/filtros de objetivas fotográficas, colocados sobre parte das fotografias, as quais simulam um zoom, oferece ao espectador/observador o foco dentro do enquadramento, ou seja, o dar a ver aos personagens que compõem e marcam, traçam essas histórias que a cada tempo e espaço próprios, de luta revelam.

Através dessas lentes/filtros é possível discernir os rostos presentes na multidão, enunciando a heterogeneidade social e, ao mesmo tempo, a singularidade de cada indivíduo em meio à aglomeração. Mediante esse foco, as representações contidas nestas imagens se deslocam do âmbito quantitativo e ganham nomes próprios, se presentificam.

É possível refletir, especialmente à luz do enfoque proposto por Rosângela Rennó, a confirmação dessas conexões históricas, onde passado, presente e futuro se “fundem”, ratificando que, não importa o tempo, mas, nos parece fundamental romper com o silenciamento e assumir um papel na construção social e política para estabelecer ou reconquistar os direitos que, periodicamente, são retirados ou fragilizados nesse tecido.

A escolha da artista pela fotografia p&b na representação dos três tempos e espaços narrativos, também tem muito a nos revelar. Com uma atenção especial à escala de cinza de 0 a 9 destacada em todos os enquadramentos (Adams, 2005), sugere um fortalecimento dos períodos históricos, pois ressalta os seus propósitos e, simultaneamente, reafirma lutas comuns que atravessa e são atravessadas pela temporalidade ao se desvencilhar do linear e segmentar. A própria disposição das imagens lado a lado reforça o sentido desse esfacelamento temporal-espacial onde, no nosso entendimento, segundo Deleuze (2003) instaura-se um abalo sísmico na concepção retilínea do senso comum ao compreender o tempo não por sua linearidade e sim por “saltos, acelerações, rupturas e diminuições de velocidades” (Gualandi, 2003, p. 71) e, ao invés de uma linha de tempo, constitui-se um entrelaçado de tempo nessas imagens, em vez de fluxo, uma massa; em lugar de rio, um labirinto; não mais um círculo, porém um furacão em espiral; “não uma ordem do tempo, mas



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



variação infinita, nem mesmo uma forma de tempo, mas um tempo informal, plástico” (Pelbart, 2004, p. XXI).

Desse modo, os discursos que representam e documentam a **Passeata dos Cem Mil**, ocorrida no Rio de Janeiro em 26 de junho de 1968, o **Comício das Diretas Já** em Belo Horizonte, em 24 de fevereiro de 1984 e o **Movimento Passe Livre** em São Paulo, nos dias 17 e 20 de junho de 2013 rompem com a suposta linearidade do tempo, transitando entre intemporalidades, em movimentos descontínuos, em que a sucessão do tempo cronológico perde a determinância e aborda atos do presente para enunciar aspectos do passado, ou vice-versa. Esse caráter rizomático (Deleuze, 1999), ocorre devido à existência de outra modalidade de temporalidade, chamada por Bergson (1999) de duração, que faz com que o tempo se esquive da linearidade e da circularidade e avance por outras trajetórias. A duração se aproxima do tempo subjetivo, ao invés do tempo objetivo. É o tempo das cadências, das intensidades e dos devires. Tempo que não está sob a égide de Cronos e sim de Aion:

[...] apenas o passado e o futuro insistem ou subsistem no tempo. Em lugar de um presente que absorve o passado e o futuro, um futuro e um passado que dividem a cada instante o presente, que o subdividem ao infinito em passado e futuro, nos dois sentidos ao mesmo tempo. Ou antes, é o instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos que compreendem, uns em relação aos outros, o futuro e o passado (Deleuze, 1999, p. 169).

FORMA E CONTEÚDO: ATRAVESSAMENTOS SOCIAIS, POLÍTICOS E ARTÍSTICOS

A imagem da figura 2 remete aproximações e distanciamentos possíveis ao momento da ação que busca a visibilidade. Esta visibilidade, como aponta Judith Butler (2018), não é garantida somente pelo ambiente físico escolhido, mas pelo espaço criado entre os corpos, em que nos dispomos corporalmente para o outro e que permite uma interpretação do outro que independe da primeira intenção.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



Figura 2: Imagem aproximada de parte da foto Operação A3-2



Fonte: Rennó, 2014a.

A dimensão corpórea retratada nas fotos é provocativa e convida à observação atenta das expressões físicas como elemento de destaque. Mauss (2003) já reconhecia a instrumentalidade do corpo para atender as expectativas dos modelos sociais. Os sujeitos representados se adequariam fisicamente, nesta perspectiva, à realidade social na qual estão inseridos através dos processos de educação, para atender suas funções e papéis de acordo com as representações sociais previamente conhecidas. O corpo, neste sentido, era interpretado de modo restrito como elemento passivo.

Essa passividade, entretanto, é atualmente contestada tanto no âmbito da política quanto no campo das artes, e o exercício performativo da ação política, sobretudo em ações coletivas e suas representações, é reconhecido como capaz de produção, destruição, agência e desejo (Rancière, 2010; Deleuze; Guattari, 2012; Butler, 2018).

A escolha para posicionamento da lente fotográfica e da textura do papel de seda para o preenchimento do entorno, direcionam à reflexão do sujeito enquanto potência e enquanto alvo, preso à teia do tempo capturado na imagem e simultaneamente emaranhado aos acontecimentos contemporâneos que os



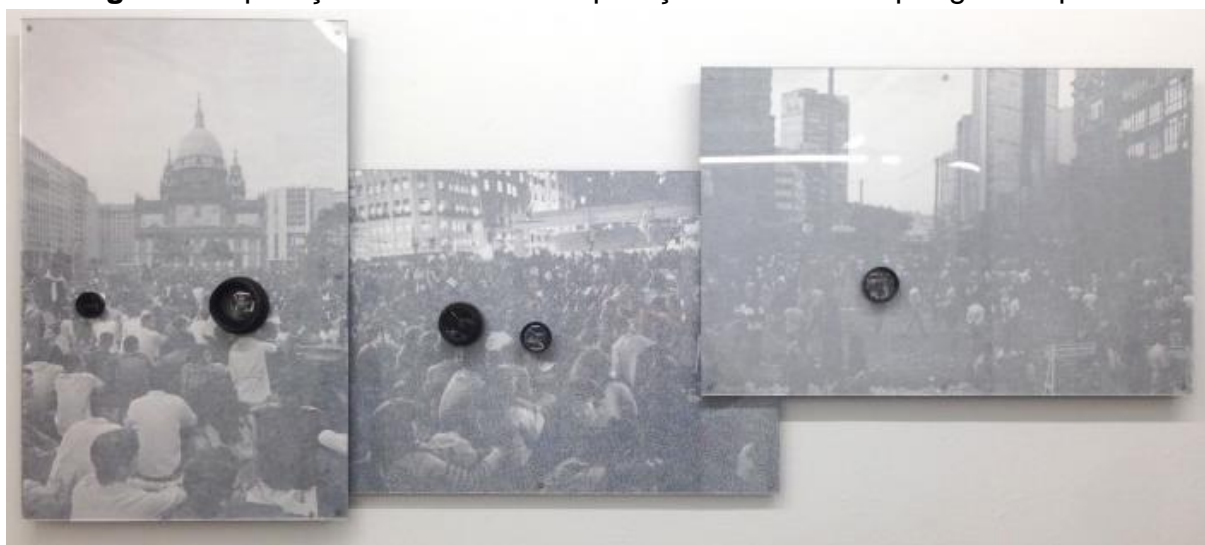
VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



remontam.

As fotografias na montagem para a figura 3 não somente ilustram uma organização de massas, mas amplia a sua capacidade de produção de sentido político, pois a ação política só é possível a partir da valorização da capacidade comunicacional dos sujeitos (Rancièrre, 2009). Ao priorizar os rostos, as identidades desses sujeitos representados em suas montagens, Rennó redimensiona, portanto, a capacidade de ação dos envolvidos que agiram no passado para uma nova ação no tempo presente que, como salientado no começo desse artigo, reverbera o tempo da duração.

Figura 3: Operação A3-3 da série Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas



Fonte: Rennó, 2014b.

Dessa forma, ao escolher as fotografias, os recortes, as cores e o modo de sobreposição, torna-se evidente que a imagem, enquanto representação, também é um ambiente para reflexões sobre a própria representação (Rancièrre, 2010).

Necessitamos considerar que Rancièrre (1996a, 2005) reduz a noção de *política* ao momento preciso de ruptura do tecido social, de dissenso produzido coletivamente a partir da habilidade comunicacional e que é capaz de tomar para si o controle de sua visibilidade e poder enunciativo, e atribui a *polícia* o significado das estruturas que normatizam a partilha do sensível de modo a garantir a exclusão da classe



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



trabalhadora.

Se a lógica policial demarca as possibilidades de fala, de ação e de circulação dos corpos (Figura 4) a partir das posições e funções ocupadas socialmente, então a produção das cenas de desentendimento/dissenso é possível por meio da valorização da capacidade comunicacional dos sujeitos e reelaboração de suas relações com o espaço (Rancièrre, 1996b).

Figura 4: Imagem aproximada de parte da foto Operação A3-3



Fonte: Rennó, 2014b.

Portanto, a ação está tão intrinsecamente relacionada ao corpo, que as tentativas de contenção da atividade política também são direcionadas aos corpos desses sujeitos envolvidos. A montagem que acentua a valorização dos corpos, especialmente das faces, se mostra capaz de enfatizar essa dualidade em que a



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



política decorre da ação desses corpos e, ao mesmo tempo, expõem a fragilidade dos mesmos (Butler, 2018). O efeito da ação política, entretanto, não está restrito aos agentes que a constroem, reverberam mesmo àqueles que aparentam estar fora da ação, a partir do processo de subjetivação.

Como Marques e Herrero (2016) recordam, a lógica de subjetivação política de Rancière implica na capacidade de nomear injustiças e tornar-se sujeito. Isso ocorre de maneira simultânea através da afirmação de si mesmo e da rejeição da identidade imposta pela esfera policial. Em outras palavras, trata da exposição do *dano*, da verificação de que não há a igualdade idealmente pressuposta na partilha do sensível, e essa compreensão também pode ser articulada na arte (Figura 5).

Figura 5: Operação A3-4 da série Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas



Fonte: Rennó, 2014c.

Para Rancière (1996a) a igualdade é aparente e na contemporaneidade não há como demarcar de forma cômoda uma linha divisória entre o espaço privado, de exclusão, de produção de ruídos (*phoné*) e o espaço público, de inclusão, das palavras com capacidade enunciativa (*logos*). A exclusão opera a partir da ausência dessas barreiras nítidas, atua por meio de seu pressuposto de igualdade da lógica consensual. Ou seja, essas divisões permanecem no nível superficial das aparências,



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



são capazes de orientar as ações, mas não as determinam.

Já a figura 5 se mostra capaz de simbolizar essa relação ao marcar os indivíduos que estavam distantes, quase inexistentes no enquadramento, resguardados ao espaço supostamente privado, mas que, ao mesmo tempo, participam e são afetados por aquele momento. Ou seja, aqueles que observam não necessariamente assumem uma posição de passividade (Figura 6).

Figura 6: imagem ampliada de Operação A3-4



Fonte: Rennó, 2014c.

Rosângela Rennó novamente destaca os indivíduos que compõem o mesmo contexto social, mas, em nova posição, e acrescenta mais uma camada de sentido, um jogo entre as dualidades que atravessam o campo das artes e da política, como a noção de coletivo e individual, imagem e realidade, atividade e passividade, posse de si e alienação, chamado por Rancière (2012) de paradoxo do espectador.

Ao reconhecer as limitações impostas por essas dicotomias, é possível uma nova percepção sobre o que as imagens são, o que fazem e os seus efeitos, uma vez



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



que a fotografia ultrapassa essas dualidades e atinge uma eficácia paradoxal implicada na existência entre as formas tangíveis de produção artística e seus efeitos nas formas sensíveis de apreciação da arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto dessas imagens analisadas, da série *Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas* de Rosângela Rennó, tem por finalidade as vivências pretéritas, as quais, apesar de se apresentarem através de intervalos temporais-espaciais distintos - fracionados e intermitentes; mesmo quase uma década depois, sugere o tempo da *duração* como ressaltado no corpo de análise deste artigo.

O retrato dos acontecimentos do mundo social e político (destinado às minorias) permanecem e são reverberados nas três narrativas apresentadas pela artista.

Há de se avaliar aqui a ininterrupção entre passado, presente e futuro, já que na série, Rennó constitui mediante fatos registrados; as ambiências, rasuras da memória entre o tempo e o espaço, traduzidos nos acontecimentos que se manifestam como um processo contínuo. Essa “continuidade” revelada nas narrativas fotográficas no domínio público, externo e coletivo respectivamente, ao serem analisadas enquanto *forma* e *conteúdo* coloca em destaque os sujeitos da história/narrativa. Assim, o que se mostrava da ordem quantitativa é traduzida direta e irreversivelmente para a ordem do qualitativo se revelando em um ambiente privado, interno e individual.

Apropriando-nos novamente do pensamento de Henri Bergson, essa sensação de maior ou menor duração empreendidas nestas imagens através dos fatos sociais e políticos está vinculada também, à nossa identificação e participação pragmática na sociedade. Todavia, o entendimento e o experienciar dessa duração ficam subordinados a alterações de acordo com a atenção, o foco e direcionamento do olhar. E a artista, propositalmente, realiza esse movimento. Ela nos pauta (a nós espectadores/observadores) oferecendo direcionamento ao determinar nas imagens, através das lentes/filtros que dão foco para onde devemos olhar e, como prestar



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



atenção na atenção (Crary, 2012). Ou seja, se atentarmos para esses acontecimentos que nos dão a ver as imagens, eles parecerão ser mais demorados ou melhor, sentidos pelo observador.

Por fim, mesmo sendo breve esta nossa análise, vale ressaltar que cada detalhe na série da artista, desde a forma de montagem como o universo denotativo, conotativo e não menos contextual e conceitual do conteúdo, revelam-se como um amalgama para o entendimento da sua obra e este se faz o traço mais preponderante e genial do seu trabalho, que costura os diálogos possíveis da fotografia documental e contemporânea.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Ansel. **A cópia**. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DELEUZE, Gilles. **O bergsonismo**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Como criar para si um Corpo sem Órgãos?. Tradução de Aurélio Guerra Neto. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 3. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. p. 11-33.

GUALANDI, Alberto. **Deleuze**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; HERRER, Alexei Padilla. O sujeito político e o espaço público cubano atual a partir do pensamento de Jacques Rancière. **Comunicação Pública**, v. 11, n. 21, p. 1-23, 2016.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**: Imagens de tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**: política e filosofia. 1. ed. São Paulo: 34 Literatura, 1996a.



VI Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
08 a 10 de novembro de 2023



RANCIÈRE, Jacques. O dissenso. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **A crise da razão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

RANCIÈRE, Jacques. **Partilha do Sensível**. 1. ed. São Paulo: Ed 34. 2005.

RANCIÈRE, Jacques. Biopolítica ou política?. **Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas**, v. 2, n. 15, p. 75-79, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RENNÓ, Rosângela. **Operação A3-2**. Série Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas. 2014a. Disponível em: <http://www.rosangelarenno.com/obras/exibir/60/2>. Acesso em 10 set. 2023.

RENNÓ, Rosângela. **Operação A3-3**. Série Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas. 2014b. Disponível em: <http://www.rosangelarenno.com/obras/exibir/60/3>. Acesso em 10 set. 2023.

RENNÓ, Rosângela. **Operação A3-4**. Série Operação Aranhas/Arapongas/Arapucas. 2014c. Disponível em: <http://www.rosangelarenno.com/obras/exibir/60/4>. Acesso em 10 set. 2023.

RENNÓ, Rosângela. **Vermelho**. Apresentação. Docplayer, 2020. Disponível em: <https://docplayer.com.br/113516199-Vermelho-rosangela-renno.html>. Acesso em 10 set. 2023.